

UMA LEITURA DA PAISAGEM: ANÁLISE DE CINCO OBRAS DE FRANS POST DA COLEÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND¹

Roberto Junio Martinasso Ribeiro²

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura dos quadros do artífice holandês Frans Post que se encontram no acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Trata-se das seguintes obras: "Cachoeira de Paulo Afonso" (1649), "Paisagem pernambucana com rio" (1653), "Paisagem com Tamanduá", "Paisagem com jiboia", "Paisagem em Pernambuco com casa-grande" (1665). Por meio da bibliografia pertinente ao período da ocupação neerlandesa na capitania de Pernambuco, bem como sobre a produção do artífice Frans Post, identifico as principais características dessas cinco obras e sua importância para compreendermos a construção do olhar europeu sobre a paisagem americana.

Palavras-chave: Frans Post; Brasil holandês; MASP.

A READING OF THE LANDSCAPE: ANALYSIS OF FIVE WORKS BY FRANS POST FROM THE COLLECTION OF THE SÃO PAULO ART MUSEUM ASSIS CHATEAUBRIAND

Abstract: This article presents a reading of the paintings by the Dutch artist Frans Post that are in the collection of the Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). These are the following works: "Waterfall by Paulo Afonso" (1649), "Pernambucan landscape with river" (1653), "Landscape with anteater", "Landscape with boa constrictor", "Landscape in Pernambuco with big house" (1665). Through the bibliography pertinent to the period of the Dutch occupation in the captaincy of Pernambuco, as well as the production of the craftsman Frans Post, I identify the main characteristics of these five works and their importance for us to understand the construction of the European look on the American landscape.

Keywords: Frans Post; Brasil Dutch; MASP.

¹ Artigo elaborado para a Unidade Curricular Barroco e Classicismo – século XVII e XVIII, ministrada pelo Prof. Dr. André Tavares do departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo no primeiro semestre de 2021, como um dos critérios de avaliação para cumprimento da disciplina.

² Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: martinasso.roberto@unifesp.br.

Como ponto de partida apresento uma breve contextualização do período histórico no qual se insere as cinco obras de Frans Post analisadas neste artigo, buscando identificar as especificidades do período histórico em que obras e artista se localizam.

Partimos da independência dos Países Baixos. Processo que durou cerca de oitenta anos (1560-1640), a independência política das sete províncias foi profundamente marcada pela forte expansão mercantilista que há tempos vinha se desenvolvendo naquela região.³ Apesar de contarem com certa autonomia econômica e política, os moradores das terras baixas do delta do Rio Reno tiveram essa mesma autonomia ameaçada a partir das políticas econômicas e religiosas que Felipe II de Espanha, filho de Carlos V, e sucessor do trono espanhol, adotou em relação àquela localidade. A perseguição aos calvinistas e protestantes que ocupavam as principais praças comerciais dessas províncias desencadeou um forte sentimento anticatólico e antimonárquico. As intervenções diretas de Felipe II, através do bloqueio comercial de mercadorias vindas do novo mundo, como o açúcar da América Portuguesa, e também por meio de campanhas militares, como a intervenção dos contingentes militares liderados por Duque de Alba, levaram a um conflito sem precedentes até então em solo europeu.⁴ Cientes de que a única maneira de minar o poderia espanhol encontrava-se na desestabilização da sua fonte de recursos, os neerlandeses buscaram deslocar a guerra para além de suas fronteiras, atacando e conquistando importantes praças comerciais sobre domínio ibérico⁵, tanto através da

³ RODRIGUES, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil*. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 67.

⁴ CASTELO BRANCO, Patrícia Martins. *O universo imaginário dos holandeses no Brasil seiscentista: um estudo da narrativa do viajante Joan Nieuhof*. 2004. 140 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis – SP, 2004, p. 35.

⁵ Nos referendamos as conquistas de territórios sob domínio português e espanhol tendo em mente que tanto Espanha quanto Portugal encontravam-se unificados no que ficou

atividade de pirataria, quanto da conquista e ocupação efetiva de determinados territórios.⁶

Para tanto, foram fundadas duas companhias comerciais: a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais (VOC), em 1602, e a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC⁷), em 1621. Ambas companhias realizaram feitos memoráveis, tanto no Índico, quanto no Atlântico. No entanto, para os fins deste trabalho, nos concentramos na Companhia das Índias Ocidentais.

Fundada a partir do financiamento de capital misto, ou seja, público e privado,⁸ a WIC tinha como principal objetivo a retomada do antigo circuito comercial que ligava as principais praças comerciais dos Países Baixos ao comércio colonial americano, sobretudo em relação à madeira, ao tabaco, às especiarias e especialmente ao açúcar, produzido em grande escala pelos lusos em terras sul americanas.⁹ Para termos dimensão dessa importância, vale salientar que assim que chegava em Portugal, o açúcar era direcionado aos Países Baixos, sendo ali refinado e redistribuído para a Europa central de do norte, principalmente através do Mar Báltico.¹⁰

conhecido como União Ibérica. Resultado de um complexo processo hierárquico e dinástico, Felipe II herdou em 1580 o trono português, após o sumiço de Dom Sebastião e a morte de seu tio, o cardeal Henrique I, que apesar de assumir o trono português não deixara herdeiros. Para mais informações sobre a União Ibérica ler: BOXER, Charles R. *Os Holandeses no Brasil 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

⁶ NETSCHER, Pieter Marinus. *Os holandeses no Brasil: Notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII*. Tradução de Mário Sette. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 49-51.

⁷ Utilizamos o termo WIC para nos referenciarmos a sigla em holandês de Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, *West-Indische Compagnie*.

⁸ NETSCHER, Pieter Marinus. *Os holandeses no Brasil: Notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII*. Tradução de Mário Sette. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 49-51.

⁹ RODRIGUES, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil*. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 65.

¹⁰ CASTELO BRANCO, Patrícia Martins. *O universo imaginário dos holandeses no Brasil seiscentista: um estudo da narrativa do viajante Joan Nieuhof*. 2004. 140 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis – SP, 2004, p. 42.

Após uma malsucedida tentativa de conquista da sede política da colônia, Salvador em 1625, as tropas da Companhia das Índias Ocidentais obtiveram sucesso cinco anos mais tarde com a invasão e conquista de Olinda, então centro econômico da colônia. Apesar dos períodos de instabilidade entre a conquista e a expulsão, houveram momentos de certa estabilidade e prosperidade dos neerlandeses em terras sul americanas.

Seguindo a divisão clássica proposta por Evaldo Cabral de Mello¹¹, esse período de fausto se consagrou na historiografia como período Nassoviano (1637-1644). Período este de sete anos que ficou marcado pela chegada do Príncipe alemão Johan Maurits van Nassau-Siegen, e de sua corte de oficiais mecânicos, artistas e “cientistas” de diferentes áreas do saber.¹² Seu principal objetivo, como funcionário da WIC e candidato a assumir uma posição privilegiada dentro das cortes europeias, esteve ligado a fomentar uma espécie de posição privilegiada que o distinguisse dos demais pares. A experiência de administrar uma colônia no Novo Mundo teria sido, nesse sentido, interpretada por Nassau como oportunidade de alcançar postos privilegiados quando do seu retorno. Depois de sete anos de estadia, e com o desenvolvimento de diversas divergências com os diretores da Companhia, Nassau retornou à Holanda em 1644. No navio que conduziu o príncipe de volta aos Países Baixos, além dos integrantes de sua comitiva, havia uma série de objetos da fauna, flora e cultura da América do Sul que comporiam sua ilustre coleção, mais tarde exposta na sua recém construída casa em Haia¹³, a Mauritshuis.¹⁴

¹¹ MELLO, Evaldo Cabral de. *O Brasil Holandês (1630-1654)*. São Paulo - SP: Penguin – Companhia das Letras, 2010.

¹² MELLO, Evaldo Cabral de. *Perfis Brasileiros: Nassau*. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2006, p. 37.

¹³ MELLO, Evaldo Cabral de. *Perfis Brasileiros: Nassau*. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2006, p. 33.

¹⁴ Para mais informações sobre a coleção de Johan Maurits ler: FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda. Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes*

Um dos membros da comitiva de Nassau foi Frans Post, artífice de 31 anos que realizou uma série de estudos da paisagem das terras conquistadas pelos neerlandeses, sendo 18 delas produzidas *in loco* (ou seja, ao vivo), e das quais conhecemos atualmente apenas 7.¹⁵ As outras produções de Post, cerca de 200 óleos, foram produzidas após o retorno à Europa, momento esse que abordarei adiante.

Pouco se sabe sobre a origem desse artífice até suas experiências nos trópicos. Frans Post teria vivido 68 anos (1612-1680). Nascido em Haarlem, na Holanda, foi educado desde pequeno como desenhista, principalmente por influência de seu pai, Jan Janszoon Post, pintor de vitrais. Não se sabe ao certo a formação acadêmica de Post, porém é possível presumir que este cresceu na cidade de Haarlem, uma das mais prósperas da província de Flandres, célebre por suas corporações de artistas, sendo assim influenciado por essa atmosfera. Além disso, a influência de seu irmão, Pieter Post, pintor e arquiteto, teria sido crucial, segundo Bia e Pedro Corrêa Lago, para o desenvolvimento do jovem artífice. Teria sido ainda Pieter o responsável por indicar Frans a Johan Maurits quando este congregava sua pequena corte.¹⁶

Contratado por Johan Maurits, Post tinha como principal objetivo no momento de sua estadia no Novo Mundo, constituir uma espécie de descrição da conquista através da perspectiva do conquistador, ou seja, elencando elementos que pudesse elevar a moral não só do príncipe, mas também da Companhia e de todos seus acionistas.¹⁷ Post ficou responsável

no Atlântico holandês (século XVII). 2009. 296 f. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2009.

¹⁵ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007.

¹⁶ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 23-24.

¹⁷ FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda. Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*. 2009. 296 f. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2009, p. 42.

por retratar os animais e a paisagem, enquanto seu contemporâneo, Albert Eckhout, pelos tipos humanos, a flora e a fauna.¹⁸

Concordando com tal perspectiva, Schoropel afirma que, sobre uma perspectiva documental, a construção da imagem está fundamentada no exercício da observação, no estudo e no registro minuciosos dos elementos de um espaço determinado, que seriam informados de modo descriptivo sobre a superfície da tela. Juntamente a essa perspectiva, um conjunto de artifícios compositivos pode ser identificado em tais representações, de modo que poderemos compreendê-las em caráter complementar, tendo como referência um local existente em sua concretude. Assim, a representação da paisagem nas obras de Post surge ao mesmo tempo como registro científico e representação pictórica.¹⁹

Em relação ao conceito de paisagem, utilizo a definição proposta por Francisco Oliveira, onde paisagem remete-se por excelência a uma arte descriptiva do espaço físico observado. No entanto, não tratamos da representação da paisagem do Brasil holandês em Post como uma representação fidedigna da realidade. Por mais que houvesse o interesse em representar o que de fato teria sido visto, Francisco de Oliveira aponta que as obras de Post não podem ser lidas sem serem consideradas como um produto cultural, onde “o fazer estético, o trabalho com a imagem e a manipulação da luz, a composição do quadro e o envolvimento das pessoas com o espaço é um ato cultural.”²⁰ Nesse sentido, é necessário compreendermos que a “realidade” nas obras de Post dialoga diretamente com uma perspectiva da cultura visual flamenga do século XVII, bem como da preocupação em

¹⁸ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 31-32.

¹⁹ SCHROPEL, Daiana. Paisagens descriptivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post (1612-1680). *Revista Palíndromo*, V. 10, Nº 21, Florianópolis - SC, 2018, p. 201.

²⁰ OLIVEIRA, Francisco Isaac Dantas de. *O mundo criado pelas imagens: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post*. 146 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2013. p. 56-57.

fomentar uma representação do maravilhoso, exótico e curioso do Novo Mundo que tanto agradava a burguesia neerlandesa naquele momento.²¹ Ainda em relação ao conceito de paisagem podemos nos referir a preposição de Lilia Moritz Schwarcz:

[...] A paisagem sempre significou a natureza esteticamente processada, um instrumento cultural; ou melhor, uma forma de ver, mediada por elementos históricos, culturais e sociais. Dessa maneira, e como mostrou o historiador Simon Schama, a paisagem, antes de ser um repouso dos sentidos, é obra da mente. Não há um olhar livre de cultura, e é preciso reconhecer que nossa percepção transformadora é que estabelece a diferença entre essência (como natureza) e paisagem (como representação). Segundo Schama, ainda, a própria palavra *landscap* (paisagem) teria entrado na língua inglesa no século XVI, procedente da Holanda, significando tanto uma unidade de ocupação humana – uma jurisdição, na verdade – como aprazível no campo da pintura. Mesmo o termo *natureza* carregava outra derivação, uma vez que se referia antes de tudo as regiões que não eram dominadas por “europeus”, embora incluíssem muitas terras então entendidas como fazendo parte da Europa.²²

Por fim, vale salientar que as obras selecionadas para a realização deste trabalho foram executadas após o retorno de Post aos Países Baixos. Seguiremos a proposta de Bia e Pedro Corrêa Lago no que concerne às fases do artífice neerlandês. Segundo o casal Lago as obras de Frans Post podem ser divididas em quatro fases.²³

A primeira fase do artista foi marcada pela composição dos quadros *in loco*, ou seja, aqueles que foram realizados no momento em que o artista se encontrava em terras americanas (1637-1644). Teria sido nessa primeira fase que, segundo o casal Lago, Frans Post compusera de forma mais criativa e espontânea, acompanhado o príncipe Johan Maurits em várias expedições

²¹ OLIVEIRA, Francisco Isaac Dantas de. *O mundo criado pelas imagens: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post*. 146 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2013, p. 58.

²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2008, p. 125.

²³ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007.

em terra.²⁴ Como apontado anteriormente, de um total de 18 obras deste período, sabe-se da existência de apenas 7, onde 4 encontram-se no Museu do Louvre, e as outras três distribuídas entre uma coleção particular nos EUA, uma segunda no Museu Mauritshuis, nos Países Baixos e uma terceira no Instituto Ricardo Brennand, em Pernambuco.²⁵

A segunda fase, também denominada fase realista (1645-1659), corresponde aos 15 anos em que o artílice retorna aos Países Baixos e reproduz óleos marcados pela fidelidade aos aspectos arquitetônicos e topográficos.²⁶ Teria sido graças aos seus cadernos de anotações, recentemente descobertos nos Países Baixos²⁷, que Post manteve de certa forma fidedigno a pintura realizada *in loco*.²⁸ Deste período temos a obra “Cachoeira de Paulo Afonso” (1649) e “Paisagem pernambucana com rio” (1653), que serão analisadas adiante.

A fase seguinte se remete ao período de ascensão das obras de Post como objetos de desejo e consumo da burguesia flamenga, interessada pelo exótico tropical. Aponto para o período que vai de 1660 a 1669, quando Post tem sua ascensão como artílice. Para Bia e Pedro Corrêa do Lago, este teria sido o período de maior prosperidade de Frans Post, seja pelo número de obras produzidas, seja pela capacidade técnica em reproduzir temas brasileiros. A persistência pelo exótico representado através da flora, fauna, construções, ruínas, personagens escravizados e indígenas foi marcante para o aumento

²⁴ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 32-33.

²⁵ LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. *A obra de Frans Post*. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012, p. 68-69.

²⁶ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 39.

²⁷ Para mais informações acerca dos desenhos encontrados e identificados como de autoria de Frans Post consultar: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/08/cultura/1473343890_296151.html. Acessado em 27/06/2021, às 15:01.

²⁸ LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. *A obra de Frans Post*. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012, p. 69

significativo da clientela e da reputação de Frans Post.²⁹ Além disso, nesta fase que o artífice flamengo identificou que pouco de seus clientes se importavam realmente com aspectos fidedignos em relação ao novo mundo, importando mais “o máximo do exotismo, com o maior número de elementos curiosos e, sobretudo, diferentes da natureza europeia. Raros eram os clientes que insistiam na reprodução exata do que havia visto no Brasil.”³⁰ Deste período temos o maior número de obras analisadas neste trabalho. São as seguintes: “Paisagem com jiboia” (1660), “Paisagem com Tamanduá” (1660) e “Paisagem em Pernambuco com casa-grande” (1665).

Por fim, a última fase de Frans Post é conhecida pelo seu declínio. O decênio que cobre o período de 1670 a 1680 foi marcado pela decadência da vida pessoal e artística de Post. O artífice teria sido cogitado como um dos convidados por Nassau para apresentar algumas de suas telas ao rei francês Luís XIV. Porém, por conta de seu problema com o alcoolismo, o convite não fora realizado. Não há datação dos quadros deste período, mas presume-se que 40 obras (sem data) tenham sido realizadas nesse período, apresentando essas “falhas de execução e hesitação técnicas dificilmente compatíveis com o que conhecemos do melhor do talento do artista.”³¹ Frans Post morreu com 68 anos, em 1679.³²

Centrando-se especificamente na terceira fase, período que abrange a maioria das obras analisadas neste trabalho³³, analisaremos por fim o que

²⁹ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 44.

³⁰ LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. A obra de Frans Post. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012, p. 71.

³¹ LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. A obra de Frans Post. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012, p. 73.

³² LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 47-8.

³³ Considero “Cachoeira de Paulo Afonso”, de 1649, e “Paisagem pernambucana com rio”, de 1653, como obras que dialogam com a terceira fase do artista (1660-1669) pois Post pode ter identificado o quanto interessante seria representar a natureza americana sem necessariamente dialogar com a representação da paisagem de acordo com o que havia

caracterizou as produções desse período. Segundo Carla Oliveira teria sido graças às pinturas realizadas na Europa, em que os temas brasileiros são repetidos à exaustão, recombinação-os em alegorias paisagísticas tão ao gosto dos compradores holandeses, incluindo até mesmo ex-companheiros da WIC no Brasil, outros, burgueses enriquecidos pelo comércio com o Novo Mundo,"³⁴ que teria propiciado a Post um novo status.

Ora, a finalidade oficial das pinturas de Post, ao menos daquelas feitas no Brasil, era registrar a riqueza das terras sob domínio holandês na América Portuguesa, assim como o fez Eckhout com seus tipos étnicos (Shea, 1997). Eram, portanto, imagens criadas - ou registradas - a partir de motivações econômicas e políticas. Mas e o restante de sua obra? Qual o sentido das pinturas feitas já na Europa, quando Post não estava mais a serviço de Nassau, e as imagens que seu pincel construía não tinham mais a premissa de "registrar" o Novo Mundo? [...] Nesse caso, o campo em que agia Post era delimitado pelo mundo holandês de meados dos seiscentos. Post era um burguês, e como tal, sabia o que produzir para encontrar receptividade no mercado de arte dos Países Baixos, que se estruturava, então, justamente a partir do gosto e da moda burgueses seiscentistas, ávidos por consumo e *status* numa sociedade próspera que desafiava o poder econômico e político de outras nações europeias, especialmente da Espanha.³⁵

Nesse sentido, a produção de Frans Post após seu retorno à Europa, mais especificamente na terceira fase, corresponde ao período áureo de sua produção artística. Havia finalmente consolidado uma clientela ávida por representações que destacassem os elementos do novo mundo a qualquer

de fato visto. Segundo Schropel: "Ao contrário das obras anteriores, não temos a impressão de que Post tenha sido testemunha ocular daquela vista. Isto é intensificado, especialmente, pelos morros verdejantes que se sobrepõem ao horizonte, inexistentes na paisagem concreta a que a obra faz referência. Comparativamente às obras anteriores aqui analisadas, nas quais se pode afirmar a precisão topográfica da paisagem representada, Cachoeira de Paulo Afonso parece apresentar uma mudança de perspectiva na obra daquele artista que será consolidada de modo efetivo em sua produção mais tardia." In: SCHROPEL, Daiana. *Paisagens descriptivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post (1612-1680)*. Revista Palíndromo, V. 10, Nº 21, Florianópolis - SC, 2018, p. 209.

³⁴ OLIVEIRA, Carla Mary S. *Frans Post e as imagens do Brasil Holandês: o olhar que registra ou o traço que interpreta?* Apresentado no GT "Itinerários Intelectuais: Imagem e Sociedade", no XII Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, realizado no Campus da Universidade Federal do Pará, em Belém, entre os dias 17 e 20 de abril de 2005, p. 9.

³⁵ LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. *A obra de Frans Post*. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012, p. 13.

custo. Assim, a partir de sua experiência através da observação e registro da paisagem desenvolvidos ainda na primeira e segunda fase, o artista constituirá um repertório visual que mescla ao mesmo tempo o real e o imaginativo.

Uma leitura das obras de Frans Post no MASP

Neste tópico nos concentraremos em descrever e analisar as principais características das cinco obras de Frans Post que compõem a coleção do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

A primeira obra em análise é “Cachoeira de Paulo Afonso” de 1649. Realizada na segunda fase do artista, essa obra pode ser facilmente identificada como momento de transição do artífice neerlandês. Como apontado em nota anteriormente, é pouco provável que Post tenha visto de fato as quedas da água que compõem a cachoeira, levando em consideração que as mesmas encontram-se a mais de 250 Km da costa.³⁶ Apesar da mesma ter existido um dia³⁷, elementos que compõem a imagem pouco dialogam com a topografia, como “pelos morros verdejantes que se sobrepõem ao horizonte, inexistentes na paisagem concreta a que a obra faz referência.”³⁸ Segundo o casal Lago, algumas hipóteses são plausíveis para compreender essa representação. A primeira delas é que Post provavelmente teria acompanhado Nassau em uma de suas expedições ao Rio São Francisco acima. Além disso, Georg Marcgrav, outro membro da corte nassoviana, teria seguido essa expedição e comunicado ao artífice flamengo os detalhes topográficos dessa localidade.³⁹

³⁶ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 119.

³⁷ Segundo Bia e Pedro Corrêa do Lago, na segunda metade do século XX foi construída uma hidrelétrica no local onde se encontrava a cachoeira. LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 119.

³⁸ SCHROPEL, Daiana. *Paisagens descriptivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post (1612-1680)*. *Revista Palíndromo*, V. 10, N° 21, Florianópolis - SC, 2018, p. 209.

³⁹ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 120.

Compreende-se que Post pela primeira vez utilizou de recursos técnicos que em muito desvirtuaram o que vinha sendo feito desde o período que retornara da colônia, apresentando certos elementos que potencializavam aspectos da natureza tropical. As cataratas compõem o elemento central da obra, em uma perspectiva na qual o espectador encontra-se a um nível elevado e de frente a queda da água. Nas laterais podemos verificar uma natureza que nada sofreu a interferência humana, dado o terreno e o regime das águas, provavelmente. Ao fundo é possível identificar uma geografia repleta de morros e pequenos picos, estando o rio à direita da vista do espectador. Além disso, a geografia do terreno é central na obra. Nenhuma construção, animal ou figura humana foi representada.⁴⁰



Figura 01: Frans Post, *Cachoeira de Paulo Afonso*, óleo sobre madeira, 59 x 46,5 x 0,5 cm, 1649. (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand)

⁴⁰ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 120.

A segunda obra de Frans Post analisada neste trabalho trata-se da “Paisagem em Pernambuco com rio”, de 1653. Nela podemos identificar um grupo de nativos americanos carregando cestos em uma estrada de terra. Ao fundo temos dimensão que esse mesmo grupo se desloca da várzea ao interior, tendo partido de um pequeno grupo de construções que se encontram à esquerda do quadro.

No entanto, o fator predominante registrado por Frans Post nesta paisagem, como o próprio título da obra indica, é o rio e seus meandros. Serpenteando a grande planície, o rio corta toda a imagem e parece dividir a terra e o céu, onde o horizonte torna-se elemento dificilmente distinguível ao espectador.

Segundo Bia e Pedro Corrêa do Lago, o motivo de Post nessa obra em muito recorda a obra “Carro de Bois” em que a Vila Formosa de Sirinhaém foi representada.⁴¹ Além disso, a obra encontra-se em um péssimo estado de conservação, devido a um processo de restauração mal sucedido, onde figuras humanas ficam semelhantes a fantasmas.⁴²

⁴¹ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 144.

⁴² LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 144.



Figura 02: Frans Post, *Paisagem pernambucana com rio*, óleo sobre madeira, 47 x 55 x 0,5 cm, 1653. (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand)

A terceira obra analisada neste trabalho retoma a fauna como objeto central de sua reflexão. “Paisagem com Tamanduá” apresenta um mamífero como representante da fauna do Novo Mundo. O tamanduá, animal endêmico as terras sul americanas, chamou a atenção dos europeus dada suas características particulares, como as garras e o focinho alongado. Apesar desse visual “monstruoso”, o tamanduá nunca apresentou nenhum risco para os neerlandeses e outros europeus. Era este animal, inclusive, responsável pelo controle de pragas comuns nas plantações de cana e mandioca, como as formigas. Outros animais, como um tatu e um sapo podem ser facilmente identificados.

Além disso, um elemento que compõe a imagem e que se distingue dos demais é a presença de dois colonizadores acompanhados por um grupo de

negros, entre adultos e crianças. Estes aparentam retornar duma espécie de passeio, onde a cesta de palha pode ser uma importante evidência desse aspecto. Por fim, verificamos novamente uma repetição quanto ao tema da natureza, da várzea e do conjunto que compõem o triângulo rural nordestino.



Figura 03: Frans Post, *Paisagem com tamanduá*, óleo sobre madeira, 58 x 80,5 x 1,2 cm, 1660. (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand)

A quarta obra analisada neste trabalho é “Paisagem com jiboia”, de 1660. Apresentando elementos característicos da terceira fase, nesta obra é possível observar no primeiro plano elementos da natureza tropical, como a flora e a fauna, com ênfase na jiboia que se encontra à direita de um abacaxizeiro, cujo o fruto destaca-se na vegetação verdejante. Aproximando-se a vista do centro da imagem podemos notar a presença de alguns tipos humanos, muito provavelmente escravizados que carregam cestos na cabeça. Este mesmo grupo aparenta encaminhar-se ao rio que corta a imagem e transpassa ao longo de uma várzea. Do outro lado do rio é possível identificar outros grupos humanos. Mas o que mais chama a atenção

na imagem é a presença de algumas construções.⁴³ Muito provavelmente trata-se do triângulo rural nordestino, proposto pelo sociólogo Gilberto Freyre⁴⁴, onde podemos identificar uma igreja, já abandonada, uma senzala em formato de "U" e algumas outras construções, sendo provavelmente casas de moradores e o próprio engenho. Neste quadro mais uma vez os elementos da natureza exótica americana são potencializados. A jiboia torna-se elemento mobilizador do olhar do espectador que ao identificá-la, acaba se deparando com a exuberância da fauna nativa americana.

⁴³ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}. Catalogue Raisonné*. Italy: 5 Continentes Edition, 2007, p. 224.

⁴⁴ Segundo Francisco Oliveira: "Conceito desenvolvido pelo sociólogo e historiador Gilberto Freyre. Quando em 1937, Freyre apresenta essa estrutura sistemática do norte colonial queremos pensar este triângulo arquitetônico que tem como composição a Casa Grande, a Capela e o Engenho num sistema que sustenta o poder econômico, religioso e social dentro do mundo colonial holandês americano. "A evidência de pinturas e fotografias também foi utilizada na década de 1930 pelo sociólogo-historiador brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), que descreveu a si mesmo como um pintor histórico ao estilo de Ticiano e seu enfoque da história social como forma de 'impressionismo', no sentido de uma 'tentativa de surpreender a vida em movimento'." In: OLIVEIRA, Francisco Isaac Dantas de. *O mundo criado pelas imagens: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post*. 146 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2013, p. 29.



Figura 04: Frans Post, *Paisagem com jiboia*, óleo sobre tela, 119 x 173,5 x 2,7 cm. (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand)

Na quinta obra, “Paisagem em Pernambuco com Casa-grande” o tema da fauna deixa de ser predominante para dar lugar a representação da sociedade colonial. Por mais que Post retrate uma jiboia e um tatu, as construções dispersas ao longo da várzea chamam a atenção do espectador do quadro. Mas antes de descrevermos as construções, vale ressaltar o grupo humano que compõe o centro da imagem. Trata-se de um grupo de sete indivíduos, muito provavelmente escravizados negros que apresentam confraternizarem numa espécie de dança. Esse aspecto da obra de Post é extremamente relevante para analisarmos a escravidão no Brasil holandês. Além de retratar o curioso e exótico do mundo colonial, Post tinha como objetivo criar uma visão neerlandesa sobre o espaço americano que não evidenciasse aspectos como os constantes ataques de campanhistas e a

escravidão, esta como uma força de trabalho baseada na violência e submissão de escravizados aos seus senhores.⁴⁵

Tratando especificamente das construções que se encontram ao longo da paisagem podemos identificar facilmente que se trata do sítio de Olinda, abandonado e incendiado pela Companhia das Índias Ocidentais em 1631, dada a justificativa da dificuldade de sua guarnição.⁴⁶ As ruínas dos prédios encontram-se em meio a uma natureza exuberante, onde as árvores aparecem engolir as construções que resistiram ao incêndio e ao abandono. Outro elemento nos auxilia a identificar a paisagem como sendo Olinda, primeiro pela declividade do terreno, e em segundo pela presença do mar e da cidade de Recife na parte superior ao fundo da imagem.



Figura 05: Frans Post, *Paisagem em Pernambuco com Casa-grande*, óleo sobre madeira, 59 x 94,5 x 1 cm, 1665. (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand)

⁴⁵ OLIVEIRA, Francisco Isaac Dantas de. *O mundo criado pelas imagens: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post*. 146 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2013, p. 15.

⁴⁶ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 3^a Edição. Recife – PE: Editora Massangana, 1987, p. 48.

Nesse sentido, a coleção de obras de Frans Post, disponíveis a visitação no MAPS de terça-feira à domingo (gratuitamente às terças), apresenta algumas características particulares que devem ser destacadas.

De dois períodos de produção distintos, os elementos representados pelo artista neerlandês evidenciam a consolidação de sua produção no mercado de obras de arte europeu. Distanciando-se cada vez mais de suas primeiras produções, elementos da flora, fauna, topografia e sociedade americana mesclam-se em tela buscando assim constituir um repertório visual sobre o Novo Mundo que apesar de verossímil distanciava-se cada vez mais da fidelidade das primeiras obras do então empregado de Nassau.

A flora americana é elemento indispensável nas representações de Post nas obras analisadas anteriormente. Abacaxizeiros, coqueiros, mamoeiros e tantos outros elementos da flora fomentam a ideia de uma região que apesar de ocupada, conserva uma parcela significativa de elementos naturais, podendo servir estes como alimento. A fauna, outro elemento destacado nas obras de Post, materializa-se na representação, ao mesmo tempo, de animais exóticos e comuns aos europeus. O tatu e o tamanduá, por tratar-se de animais endêmicos da América do Sul, e por serem pouco conhecidos dos europeus, ganharam destaque nas representações. Por outro lado, aves, répteis e anfíbios, animais conhecidos pelos europeus, também são representados. Em relação à topografia, elemento de destaque na obra de Post, as várzeas e o elemento hídrico, como as quedas das águas, torna-se preponderante. A presença do elemento hídrico nas representações, seja para o consumo, transporte dos moradores e mercadorias, irrigação ou fonte de alimento (pesca), ganha destaque nas obras. Por fim, o elemento humano, presente na maioria das obras, destaca as gentes e suas categorias sociais. Como elemento que compõe a paisagem, grupos de indígenas e escravizados africanos foram apresentados em momentos de certa confraternização e passividade social. A mensagem do artista destoa, no

entanto, da violência da escravidão e da guerra desenvolvida naquele contexto histórico.

Assim, as obras de Frans Post disponíveis no acervo do MASP expressam características do que consideramos uma paisagem imaginada. Apesar de representar elementos típicos da fauna, flora, topografia e sociedade sul americana do século XVII, o artífice, ao realizar a composição das paisagens, apesar de não contar mais com as expectativas de um mecenas, mas sim de consumidores ávidos pela representação de elementos exóticos, desprende-se da preocupação com a paisagem vista, para enfim compor uma paisagem imaginada.

Considerações finais

A chegada dos europeus na América no final do século XV e ao longo dos primeiros anos do século XVI, promoveu a formação de um imaginário em relação à América e aos nativos americanos que em muito dependiam dos relatos e diários de viagem. Foi através destes documentos que os europeus criaram as primeiras representações iconográficas sobre o Novo Mundo e a população que ocupava aquelas terras distantes. De modo geral, é possível identificar a temática do maravilhoso e do exótico como regra geral a aqueles que não haviam tido contato direto com a natureza e os humanos descritos.

No entanto, tais perspectivas foram profundamente impactadas no terceiro decênio do XVII. Com a invasão e conquista de Olinda em 1630 pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, e a posterior chegada do príncipe Johan Maurits e da comitiva que o acompanhara, dentre eles Frans Post, os europeus poderiam contar com novos recursos visuais sobre o Novo Mundo. Além de Post ser responsável por um importante estudo e representação da natureza e da sociedade, como visto anteriormente, o período que permanecera em terras sul americanas sob domínio batavo

muito contribuíram para que se formasse um novo olhar sobre o Novo Mundo. Tendo realizado rascunhos e obras *in loco*, Post contava com o crédito de fidedignidade que tanto se almejava na arte flamenga do século XVII. No entanto, este não teria sido um fator interessante para a comercialização dos seus quadros. À medida que a clientela de Post apresentava interesse pelas obras que representassem o exótico, sem necessariamente dialogar com o concreto, suas obras ganharam maior relevância no mercado neerlandês, sendo posteriormente conhecida como Fase do Fausto (1660-1669), segundo Bia e Pedro e Corrêa Lago.

Por fim, podemos considerar que as obras de Post presentes no MASP correspondem ao período de consolidação da paisagem brasileira como elemento central de sua produção. Sem perder do horizonte o que havia desenvolvido nas duas fases anteriores, as cinco obras que correspondem ao período de fausto de Post.

Fontes

POST, Frans. *Cachoeira de Paulo Afonso*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/cachoeira-de-paulo-afonso>, consultado em 02/08/2021, às 09:53.

POST, Frans. *Paisagem com jiboia*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/paisagem-com-jiboia>, consultado em 02/08/2021, às 09:53.

POST, Frans. *Paisagem com tamanduá*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/paisagem-com-tamandua>, consultado em 02/08/2021, às 09:56.

POST, Frans. *Paisagem com Casa-grande*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/paisagem-em-pernambuco-com-casa-grande>, consultado em 02/08/2021, às 09:57.

POST, Frans. *Paisagem pernambucana com rio*. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/paisagem-pernambucana-com-rio>, consultado em 02/08/2021, às 09:58.

Referências bibliográficas

- BOXER, Charles R. *Os Holandeses no Brasil 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- CASTELO BRANCO, Patrícia Martins. *O universo imaginário dos holandeses no Brasil seiscentista: um estudo da narrativa do viajante Joan Nieuhof*. 2004. 140 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis – SP, 2004.
- FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Holanda. Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*. 2009. 296 f. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2009.
- LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post {1612-1680}*. Catalogue Raisonné. Italy: 5 Continentes Edition, 2007.
- LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. A obra de Frans Post. In: VIEIRA, Hugo Coelho; GALVÃO, Nara Neves Pires; SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.) *Brasil Holandês: História, Memória e Patrimônio Compartilhado*. São Paulo - SP: Alameda, 2012.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O Brasil Holandês (1630-1654)*. São Paulo - SP: Penguin; Companhia das Letras, 2010.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *Perfis Brasileiros: Nassau*. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2006.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 3ª Edição. Recife – PE: Editora Massangana, 1987.
- NETSCHER, Pieter Marinus. *Os holandeses no Brasil: Notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII*. Tradução de Mário Sette. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1942.
- OLIVEIRA, Francisco Isaac Dantas de. *O mundo criado pelas imagens: paisagens e espaços coloniais na obra do holandês Frans Post*. 146 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2013.

OLIVEIRA, Carla Mary S. *Frans Post e as imagens do Brasil Holandês: o olhar que registra ou o traço que interpreta?* Apresentado no GT “Itinerários Intelectuais: Imagem e Sociedade”, no XII Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, realizado no Campus da Universidade Federal do Pará, em Belém, entre os dias 17 e 20 de abril de 2005.

RODRIGUES, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil*. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1940.

SCHROPEL, Daiana. *Paisagens descritivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post (1612-1680)*. Revista Palíndromo V. 10, Nº 21, Florianópolis - SC, 2018, p. 199-216.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2008.